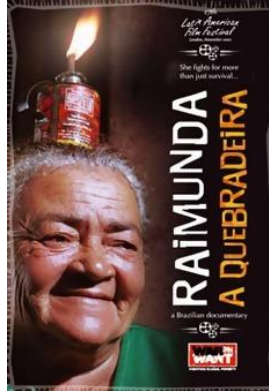


## Heróína da resistência: A jornada da quebradeira de coco que rompeu barreiras<sup>1</sup>

Rosana Alves de OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília, Brasília, DF



### RESUMO

O herói está em toda parte, em todas as culturas, em todos os tempos. Para Joseph Campbell (1904-1987) todo ser é um herói, que diariamente enfrenta o chamado à aventura; encontrando pelo caminho tanto obstáculos, quanto auxílios e que na condição de aventureiro é conduzindo a sair da escuridão e encontrar a luz. Neste trabalho propõe-se observar se a angústia, desventura e anseio do herói moderno é construído na narrativa em formato videodocumentário e se esta narrativa preserva os elementos míticos propostos pelo simbolismo de Joseph Campbell. A análise toma como objeto o videodocumentário “Raimunda, a Quebradeira” e o ciclo do herói, neste caso representado por uma personagem feminina, que é a todo instante colocada em situações de partida, iniciação e retorno, e que, estimulada pela vontade de encontrar o sentido à sua existência não foge a jornada.

**PALAVRAS-CHAVE:** herói; mito; personagem; documentário; quebradeiras.

### Raimunda, a Quebradeira

O videodocumentário “Raimunda, a quebradeira”<sup>3</sup> representante do Tocantins na 3ª edição do DocTV<sup>4</sup>, conquistou os prêmios de Melhor Média - Metragem nos Festivais de

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cinema do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, mestranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação/UnB, na Área de concentração: Educação e Comunicação, Linha de pesquisa: Educação, Mídias e Mediações Culturais Eixo de interesse: Mídia e educação

<sup>3</sup> Produzido pelo cineasta Marcelo Silva dentro do programa federal DOC TV, o documentário "Raimunda, a quebradeira" (2007) tem duração de 52 min e custou R\$ 100 mil patrocinados pela Rede Cultura, TV Palmas/RedeSat, e Secretaria Nacional do Audiovisual.

<sup>4</sup> O Programa de Fomento de Produção e Teledifusão do Documentário Brasileiro DOCTV é realizado pela Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, Fundação Padre Anchieta/TV Cultura e a Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (ABEPEC), através da parceria com as TVs públicas de todo o país, e o apoio da Associação Brasileira de Documentaristas (ABD).



Cinema Ambiental de Cuiabá e do Cinema Brasileiro de Belém; menção honrosa na 34ª Jornada Internacional de Cinema da Bahia e segundo lugar no Prêmio Chico Mendes de Ambiente, categoria Cultura.

Maranhense de Novo Jardim, Raimunda nasceu em uma família de 10 irmãos e aos 18 anos já estava casada e repetindo o ciclo da miséria em que viveram seus antepassados. Em 1979 depois de abandonada pelo marido, pai de seus seis filhos chega ao Tocantins como mais uma migrante em busca da sobrevivência. E foi quebrando babaçu que conseguiu ver os filhos crescer. Logo se interessou pela luta do trabalhador rural ao direito à terra, e como um símbolo de resistência, D. Raimunda “viajou continentes representando a causa das mulheres extrativistas. Por seu histórico, ela recebeu muitas homenagens - uma delas prestada pelo Senado Federal - e integrou a lista de mil mulheres, de todo o mundo, concorrentes ao prêmio Nobel da Paz de 2005”. (HERCULANO, 2007).

É uma mulher baixinha e corpulenta, de traços fortes. Com um linguajar simples, ela mescla temas cotidianos e toca em feridas sociais em seus discursos, esteja em comunidades agrícolas ou palácios de Governo, sem perder o tom diplomático. Nunca estudou, mas é uma líder nata, de visão política apurada. (ibidem, 2007).

Hoje, D. Raimunda é aposentada e vive na comunidade Sete Barracas, no município de São Miguel do Tocantins na companhia do segundo marido, o também aposentado Antonio Cipriano, o Seu Toim, e do garoto, Moisés, filho do sindicalista Chicão, assassinado da década de 1990.

O videodocumentário que tem como ponto central a vida desta e de outras mulheres quebradeiras de coco pode ser sintetizado como “uma revisão histórica em defesa da luta pela posse da terra, da agroecologia e do extrativismo” (Moraes, 2009:15). E dentro de uma categorização de tipos de documentários é classificado como reflexivo, pois assume “plenamente sua condição de representações, escancarando realisticamente seu “fazer” documental, gerando no espectador a reflexão sobre o que efetivamente está sendo representado e questionando suas próprias limitações” (Moraes, 2009:05).

Como protagonista desta história, D. Raimunda assume a narrativa do vídeo, relatando a vida como quebradeira de coco babaçu e sua participação na luta do trabalhador rural pelo direito à terra em organizações sindicais. Ela é o que se chama de personagem-câmera “envolvida com os acontecimentos que estão sendo narrados (...) vemos tudo através da perspectiva da personagem” (BRAIT, 1985:60/61).

A esta história narrada pela personagem principal outras quebradeiras de coco surgem como personagens e desvendam a realidade da mulher extrativista. A rotina começa logo nos primeiros raios de sol, quando em grupo saem na tentativa de conseguir montar acampamento<sup>5</sup> em algum babaçual e dali recolher o fruto de onde aproveitam tudo que é possível, pois como elas dizem “da coqueira nós num ‘istroi’ nada”<sup>6</sup>.

Construído com o encaixe de vários depoimentos que servem para dar sustentação à história, como os depoimentos de quebradeiras, de representantes da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e coordenadores das associações de trabalhadores, o documentário não se constitui em uma biografia da personagem central. A narrativa se apóia na cultura, na ética e principalmente na ideologia da personagem-narradora e no dia-a-dia da trabalhadora extrativista.

Assim, dando destaque ao cotidiano, a vida simples e guerreira, a trama tece a história de luta de milhares de mulheres que tiram o sustento das matas do Bico do Papagaio, no extremo norte do Tocantins<sup>7</sup> e que simbolizam o mito do herói no mundo moderno.

Os conflitos agrários na região na década de 1980 também merecem discussão no enredo já que marcam o momento em que D. Raimunda reflete o sentimento das famílias que perdem os filhos na luta desigual pela terra.

Imagina só o ‘biquin’ do Bico do ‘Papagai’ aqui. Quantos trabalhadores rurais num ‘morrero’. A gente viu morrer ‘fi’ de pessoas ‘pobris’, assim do jeito da gente. A mãe ficar ‘loca’, porque misturou uma coisa com a ‘ota’. A mãe ‘loca’ bebendo cachaça na rua. Ai dizia assim: “aquela ‘múie’ bebe é porque quer”. Ai eu disse: Não, ela bebe é porque ela perdeu três filho contra a nação. Ela não pôde dá jeito neles. Os ‘fi’ dela ‘viraro’ ‘pistolero’, então ‘morrero’ matado, porque num pode só matar, porque ‘oto’ ‘veim’ e mata também. (D. Raimunda)

O momento crucial desse período acontece com a morte de Padre Josimo Tavares, o ativista, amigo de D. Raimunda, assassinado em maio de 1986, na secretaria da Comissão Pastoral da Terra em Imperatriz (MA).

---

<sup>5</sup> O acampamento é local que o grupo de mulheres escolhe no babaçual para coletar e quebrar o coco. A cada dia de trabalho é escolhido um novo acampamento, desde que o proprietário da fazenda não as expulsem ou envenem ou mesmo queimem as palmeiras. No acampamento ficam do amanhecer ao entardecer trabalhando, cantando, e ali mesmo fazem a refeição como bóia fria.

<sup>6</sup> Da amêndoa, extraem o óleo vegetal, com o qual cozinham e produzem sabão. Da casca do coco, fazem lenha; da palha da árvore fazem coberturas para as casas e utensílios como cestos e ainda aproveitam o congo como alimentação (larva que se forma no fruto maduro).

<sup>7</sup> O Bico do Papagaio fica na fronteira do Maranhão, Tocantins e Pará. Em 2006, época da produção do videodocumentário, viviam cerca de 200 mil mulheres quebradeiras de coco babaçu nesta região.



Eu senti que o Josimo tava com medo. Eu falei assim: Josimo, como é que tá? Ele disse: “eu num sei, mas eu acho que num tá bom não, porque em Augustinópolis quando eu passei muita gente ‘oiava’ pra mim, muita gente! Todo mundo ‘oiava’ pra mim. E teve lugar que até apontaram pra meu carro”. (D. Raimunda)

Com sutileza, a personagem D.Raimunda é desvendada como uma mulher simples de idéias sábias e uma filosofia de vida aprendida pela experiência de quem viu muitas injustiças acontecerem e que espera mais atitude de toda a sociedade.

Eu fiquei na CNBB e eu via muitas ‘freras’, muita gente fazendo crochê, muita gente ‘tranquilo’, só comendo e rezando, fazendo crochê, rezando e as coisas acontecendo e ninguém falando. Invés de eu comer eu fui chorar, porque, com tanta coisa que tava passando nesse país e que ainda hoje passa, mas na minha região tava ‘sufrida’ e ninguém tava falando disso. A irmã falou: “dona Raimunda tá com saudade da família”, pois eu tava com mais de vinte dias que tava fora. Falei: não, eu tô é revoltada que todo mundo ‘tranquilo’ aqui, ‘oiando’ as televisão pra ver o jogo da Copa do Brasil, mas que tenho fé em Deus que o Brasil vai perder essa copa! (D. Raimunda)

Em contraste com uma personagem que se posiciona em seu universo de forma ativa, em todos os depoimentos D.Raimunda está realizando alguma atividade comum às mulheres da região, como a limpeza do quintal; o preparo de um bolo; a confecção de cesto de palha; a limpeza do peixe e cozinhando. Uma demonstração de que mesmo assumindo o papel de porta voz da sua comunidade e representante da ordem social, religiosa e política (Fernandes, 2007), continua em seu papel de progenitora.

É tão ou mais importante flagrar também os gestos como os menores – e até mais eles, bem como os olhares, tiques, roupas e detalhes – que falam a seu modo. Olhar não tem cerca. Cacoete é sinal. Postura é signo. Roupas é condição. Vocabulário é identidade. (PELLEGRINI, 1985: 74)

Foram produzidas cenas também que fazem a conotação da personagem com a natureza (percorrendo o rio de barco e a beira do rio ao entardecer) e da relação dela com a comunidade (quando visita o acampamento 7 de Janeiro do movimento dos sem-terra de Esperantina/TO e conversa com adultos e crianças). Esta estratégia de construção de enredo faz lembrar que “o personagem do mito busca a identidade comum. Para buscar a identidade comum é preciso que o personagem seja um pouco de todos” (Fernandes, 2007:33).

### **O herói moderno: o mito da quebradeira de coco transformada em heroína**

Na França eu fui pra reunião dos sem-terra. Me convidaram pra ir lá e levava um ‘lide’...um slide, onde tinha um povo ‘amuntado’ nuns jumentinho, muiê cuando café na ‘latra’. Essas coisa. Quando eu cheguei tinha uma mesa



‘repreta’ de vinho e daqueles palitinho de trigo, pra gente tomar o vinho e comer os palitinho de trigo. E eu fiquei esperando os sem-terra. E aquele monte de carro. Muiiito carro... Muiiita gente bem vestida, bem calçada, sentado lá. E eu virei pra Nicole: Cadê os sem-terra? Ela falou: “é todo esse povo que tá aqui”. Eu disse: Nicole, isso aqui é os sem-terra, esses carros são dele? Ela disse: “são, esses carro é dele”. Eu disse: então minha filha o Brasil tem esperança, nós temo que lutar mais. (D. Raimunda)

Percebendo os mitos como uma tentativa de dar sentido a vida, Joseph Campbell em seu livro “*O herói de mil faces*”<sup>8</sup> (1997), propõe uma imersão no universo do mito, tendo a Jornada do Herói como referência fundamental. O autor nos resgata do pensamento de projetar o herói como um super ser, desprovido de medos e de derrotas e nos leva a ver o herói como uma pessoa normal, e nesta condição a aventura surge na vida comum. Dessa forma o “chamado a aventura” não seria propriamente um chamado ao enfrentamento físico, mas, sobretudo um chamado a jornada interior, que leva o herói a uma transformação. Talvez por esta razão as inúmeras culturas reproduzam narrativamente e à sua maneira a ‘Jornada do herói’.

Segundo Campbell essa metáfora do que precisamos enfrentar se desenvolve pelo chamado da aventura; o auxílio sobrenatural; a passagem pelo primeiro limiar; o caminho de provas e a passagem pelo limiar do retorno. Podendo ser resumida pelos rituais de passagem: partida–iniciação–retorno, postos como a unidade nuclear do “monomito”<sup>9</sup>, denominação que utilizou para explicar a presença de uma única estrutura narrativa.

O herói composto do monomito é uma personagem dotada de dons excepcionais. Frequentemente honrado pela sociedade de que faz parte, também costuma não receber reconhecimento ou ser objeto de desdém. Ele e/ou o mundo em que se encontra sofrem de uma deficiência simbólica. (CAMPBELL, 1997:21)

Se o Mito existe então para levar o ‘aventureiro’ a um nível espiritual de consciência, conduzindo o herói a sair da escuridão e trazer de volta à luz, quem seria o herói de hoje, de onde ele vem, o que ele busca? Campbell alcança essa compressão entendendo o herói de hoje como tendo os mesmos objetivos dos heróis mitológicos, que travavam batalhas com dragões, desvendavam segredos, percorriam labirintos, a diferença consiste apenas na tarefa, que surge das batalhas que o homem moderno encontra todos os dias, em uma vida comum.

---

<sup>8</sup> Publicado originalmente em 1949

<sup>9</sup> Termo citado por James Joyce no conto *Finnegans Wake*, 1939.



Seja o herói ridículo ou sublime, grego ou bárbaro, gentio ou judeu, sua jornada sofre poucas variações no plano essencial. Os contos populares representam a ação heróica do ponto de vista físico; as religiões mais elevadas a apresentam do ponto de vista moral. Não obstante, serão encontradas variações surpreendentemente pequenas na morfologia da aventura, nos papéis envolvidos, nas vitórias obtidas. Caso um ou outro dos elementos básicos do padrão arquetípico seja omitido de um conto de fadas, uma lenda, um ritual ou um mito particulares, é provável que esteja, de uma ou de outra maneira, implícito — e a própria omissão pode dizer muito sobre a história e a patologia do exemplo, como o veremos. (CAMPBELL, 2005:21)

Dona Raimunda, a personagem real que habita o Bico do Papagaio é posicionada como “alguém de quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade” (Campbell, 1990:138), e por esta razão atende ao chamado para transformar esta realidade.

Raimunda é síntese, espelho das caboclas descalças do interiorzão. É Gomes, é Silva, é qualquer sobrenome que caiba nos documentos de plástico frouxo do povo. Nas rugas que lhe acrescentam uns 20 anos ela carrega uma vida ordinária, à qual, à custa de muita batalha, acrescentou um "extra". Quebrando coco babaçu - e protocolos. (TAVARES, 2009)

A construção artístico-estética do documentário coloca a personagem como uma pessoa de atitudes pró-ativas, símbolo de um grupo marginalizado e que venceu os próprios medos em meio a derrotas e as fragilidades da vida do ser humano. Sentindo o chamado de que precisava fazer algo não só por ela, mas por todos os trabalhadores oprimidos de sua região, D. Raimunda, já com seus 66 anos, sem formação escolar, sendo apenas uma pessoa comum, encara o enfrentamento a jornada interior que a levará a transformação.

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, idéias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos. (CAMPBELL, 1997:13)

E mesmo sem saber ao certo o caminho a percorrer, e sem um direcionamento, ela tem algo a seu favor nessa jornada, tem o esforço constante de viver e de trazer “outra vez à luz a Atlântida perdida da alma coordenada” (Campbell 1997: 194), por isto não se nega a aventura, mesmo sabendo que em muitos momentos estará sozinha na expedição.

Temos apenas que seguir o fio da trilha do herói. E ali onde pensávamos encontrar uma abominação, encontraremos uma divindade; onde pensávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos; onde pensávamos viajar para o exterior, atingiremos o centro da nossa própria existência; e

onde pensávamos estar sozinhos, estaremos com o mundo inteiro.  
(CAMPBELL, 1997:15)

Na condição de mulher, pobre, analfabeta, sindicalista, quebradeira, ela é revelada como uma clássica heroína, e como tal “simboliza aquela divina imagem redentora e criadora, que se encontra escondida dentro de todos nós e apenas espera ser conhecida e transformada em vida” (Campbell 1997:21). E como uma heroína, que num esforço para vencer suas batalhas interiores sai em busca de sua aventura, como uma reação em relação a algo – ao chamado. E nesse percurso como líder sindical, conhecida pela luta em defesa dos direitos das mulheres extrativistas, D. Raimunda na condição de mito, passa pelos rituais de passagem: partida–iniciação-retorno.

### **O ciclo heróico de Raimunda, a quebradeira**

Eu passei 36 anos morta. Eu era viva, mas era morta, porque eu só ‘trabaiava’. Só via o lado do serviço, o lado da pobreza. Não sabia por que essas pessoas eram pobre. Eu tinha era que trabalhar ‘mermo’. Eu ‘trabaiava’, trabaiava’, trabaiava’. Então eu não vivi, eu tava viva, mas eu não via a política do país. Eu não via da onde ‘tava’ vindo a exploração. Eu sabia que podia ter alguém que tava explorando. (D. Raimunda)

#### **A partida**

Chamada a buscar saídas para enfrentar as dificuldades geradas pela situação de injustiça social a que estava acostumada a ver e a sentir como trabalhadora rural, Raimunda Gomes da Silva, que poderia ser apenas mais uma sertaneja a carregar a sina da miséria, prefere ouvir o chamado e partir rumo a uma nova história para ela e para sua comunidade.

Os primeiros indícios da vocação de heroína surgem ao questionar o porquê de existirem ricos e pobres. Com o argumento religioso de que “a bíblia ela toda fala da Terra Prometida (...) ovelha num se cria no ar, se cria na terra. A terra é sagrada, que cria tudo”, D. Raimunda defende o direito do trabalhador à terra e faz essa defesa sua bandeira, sempre de forma articulada, buscando o apoio das bases sindicais.

Ela que não compreendia o principio do trabalho sindical, procura não só entender, mas também se integrar à luta de quem ela chama de ‘compaero’. É aí que parte de vez rumo a sua jornada não apenas interior, mas que transformou-se em símbolo da luta das quebradeiras de coco da região do Bico do Papagaio. Na jornada recebe o auxílio do Padre Josimo Tavares, que lhe oferece a mais importante ajuda que poderia receber, lhe ensina o poder que tem o povo organizado. Seu protetor paga um preço alto por liderar a luta dos trabalhadores. Paga com a morte. É morto por pistoleiros a mando de fazendeiros da região e



D. Raimunda sente que sua missão torna-se ainda maior. Ela começa a fazer visitas a outros países denunciando o crime contra o padre e a pedir apoio na luta pelos direitos dos trabalhadores rurais à terra.

Eu ‘trabaio’ na roça, eu quebro coco, eu faço reunião nas comunidade. Eu viajo, porque quando eu vou pra esses lugar, eu num vou brincar, passear não. Eu vou é trabalhar pra ter conhecimento das coisas e aprender. Eu fui pra França, pra China, pro Estados Unidos e pro Canadá. (D. Raimunda)

### **A iniciação**

O caminho de provas nessa iniciação é pesado para a miúda sertaneja. Mas para ela que passou a vida a lançar, com força, incontáveis ‘porretadas’<sup>10</sup> para quebrar o babaçu e retirar o fruto que lhe dá o sustento, o peso das provas não intimida. E decidida a escrever uma nova história enfrenta cada barreira com resistência e sabedoria popular. Resistência que se traduz nos versos que cantarola enquanto varre as folhas do quintal.

Eu vou escrever um ‘puema’ que vem na minha inspiração, do sofrimento do povo da nossa região. Povo pobre e abatido, mas resiste a opressão. Aqui até setenta e ‘quato’ tinha grande alegria, pobre era dono das terra e ‘trabaiava’ onde queria. Tirava a alimentação pra sustentar sua ‘famia’. Quando fizeram a estrada, assim fala os ‘compaero’ que foram perdendo as terra por causa dos grilero . E os pobre estão sofrendo no maldito cativoiro. (D. Raimunda)

Articulada e destemida, D. Raimunda com o apoio da Comissão Pastoral da Terra vai aos poucos conquistando vitórias e ocupando espaços, tendo ajudando a fundar a Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio (Asmubip).

No Maranhão o pessoal me ‘tentou’ muito pela associação e eu disse que num ia associar porque eu num sabia o que era sindicato. Se eu soubesse o que era sindicato eu ia associar. No que eu soubesse eu associava, mas eu num sabia o que era e eles num sabia me explicar. E ai nós ‘fumo’ fazer ‘trabaio’ na base pra fazer sindicato. Os ‘otos’ dava dinheiro do seu ‘trabaio’, eu dava dinheiro de quebra de coco babaçu. (D. Raimunda)

As ações desenvolvidas pela associação são motivos de orgulho para a líder sindical.

Essa máquina aqui, ela dá emprego ‘pras’ pessoas. Ela faz o babaçu dá mais preço pras ‘muié’ quebrarem, mas mais importante ainda é o curso de capacitação das ‘compaera’ pra saber como é que vai comercializar, porque ‘nois’ quebradeira de coco, num ‘sabemo’. Aqui tem que ter uma pessoa capacitada, que vai ‘sensorar’ elas. (D. Raimunda)

---

<sup>10</sup> As quebradeiras amparam o coco sobre a lâmina e batem nele com um porrete. As batidas são sequenciais e se repetem automaticamente milhares de vezes ao dia.





Mas a principal vitória que esperou conquistar foi a aprovação da Lei do Babaçu Livre<sup>11</sup>, que permite a entrada das quebradeiras em propriedades particulares para que façam a atividade extrativista. O pedido de criação da lei foi feito pela própria mito-personagem à Assembléia Legislativa do Tocantins. Nesta ocasião D. Raimunda disse:

Eu quero que seja criada nessa casa uma lei, do babaçu livre e seja preservado. Espero que chegue um dia da gente dizer assim: nós num precisa mais de babaçu, porque pra isso eu tenho certeza que as autoridade vão fazer com que nós num precise mais de babaçu. (D. Raimunda)

E assim, de limiar a limiar, a quebradeira de coco que rompeu barreiras mostra que alcançou a apoteose. Apoteose esta que não se limita apenas a trazer a luz a sua atlântida perdida, mas também a luz da atlântida perdida de inúmeras famílias de trabalhadores rurais que lutam de sol a sol pela sobrevivência e muitos que tiveram as vidas marcadas pelas perdas durante o período de ocupação de terras por grileiros na região.

E como em um jogo de futebol quando se conquista um gol, D. Raimunda e toda sua comunidade também dão uma virada na vida.

Hoje na minha região que são sessenta e seis assentamento. Que o pessoal tá aí, tão comendo, pode não comer bom, mas tem favada, tem macaxera, tem feijão, tem arroz. No ano que não dá arroz, tem a mandioca, pra fazer a farinha. Tem suas casinhas construídas, ‘mermo’ ruinzinha, mas tem. Dá pra torcer pelo Brasil. Agora vamos torcer, mas a gente tem que fazer mais gente torcer pelo Brasil e ser feliz. (D. Raimunda)

## O retorno

A busca D. Raimunda pela luz da atlântida perdida como de todo ser humano não se finda nunca, apenas serena. A quebradeira de coco descoberta como heroína lembra que é “melhor morrer ‘esperniando’ do que morrer ‘quetin’”, e que por isso é preciso está constantemente lutando por dias melhores.

Eu num luto pela morte, eu luto pela vida. Pela paz. Que cada companheiras que seja ‘trabaiadora’ rural elas entenda que tem que lutar pelo objetivo dos seus filhos e das ‘ota’ e também cada político, cada senhores, cada senhoras, que chegarem no poder, por favor, por favor, acredite no meu pensamento e no pensamento de muitas ‘otas’ pessoas que luta por esta paz (...) e lute pra que nós tenha um mundo de paz. (D. Raimunda)

---

<sup>11</sup> A Lei do Babaçu foi aprovada em 2008 (Lei 231/2007) e proíbe a derrubada de palmeiras de babaçu, e permite que as quebradeiras possam extrair o fruto das palmeiras mesmo em propriedades privadas. Porém mesmo com a Lei, a derrubada das palmeiras continua abrindo pasto para criação do gado. A palmeira do coco babaçu leva cerca de noventa anos para dar frutos.



Diante de uma situação de injustiça a quebradeira de babaçu, Raimunda Gomes da Silva surge como heroína e diferente do herói a que a sociedade está acostumada a perceber, dotado de dons excepcionais, a personagem construída na narrativa é uma mulher que faz sua voz ecoar pela simplicidade da fala, disposta ao enfrentamento das provas que lhe são impostas na vida comum que leva no interiorzão do norte do país.

### **Raimunda, a heroína da resistência**

Por que no Brasil tem gente que tem que ter milhões e milhões de hectares de terra e tem pobre que não tem nem um pedaço? Porque num precisa dá a terra toda, mas dá um pedaço. Tira um pedaço. (D. Raimunda)

Ao mesmo modo que heróis, como “Prometeu que foi aos céus, roubou o fogo dos deuses e voltou à terra” (CAMPBELL,1997:18), Raimunda vai sendo construída narrativamente pelos rituais de passagem em sua aventura heróica. Desse modo, sustentado pelo simbolismo, o videodocumentário “Raimunda, a quebradeira” revela uma personagem de comportamentos míticos e arquetípicos, que assim como todos os “heróis míticos são vários heróis em apenas um” (Fernandes, 2007:31).

As angústias, desventuras e anseios de D. Raimunda projetam uma heroína vinda do mundo cotidiano - a mulher quebradeira de coco - que obtém o triunfo em uma aventura que começa quando percebe que há algo a fazer, a mudar, a transformar e principalmente a resistir.

Para compor essa história de forma simbólica são utilizados em “Raimunda, a quebradeira” elementos visuais que captam a essência do imaginário coletivo e que dão sentido ao conceito de heroísmo, como os fatos colocados como provas de resistência, coragem e ideologia da personagem. Complementar a isto, elementos sonoros foram determinantes para compor o ciclo da heroína, como a música tema, Coco Livre S/A<sup>12</sup> que resume toda a luta das quebradeiras de coco.

O videodocumentário traz o simbolismo da heroína que com sua voz em causa da mulher extrativista e de todos os trabalhadores rurais da região do Bico do Papagaio transformou-se em símbolo de resistência. Resistência contra o ciclo da miséria que marcam as vidas dos sertanejos; contra a hegemonia do dono da terra e pelo direito à dignidade de homens e mulheres que tiram o sustento do que plantam, regam e colhem.

---

<sup>12</sup> Do compositor Genésio Tocantins.



## Referências

BRAIT, Beth. **A personagem**. 2ª edição, Editora Ática, 1985.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo, Editora Cultrix/Pensamento, 1997

FERNANDES, Ronaldo Costa. **A ideologia do personagem brasileiro**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Oficina Editorial do Instituto de Letras – UnB, 2007.

HERCULANO, Flávio. **Raimunda, quebrando limites**. 2007. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/raimunda-quebrando-limites>. Acesso em 25/05/2011.

Moraes, Aureo. **DOC TV II e III: uma análise de seus formatos**. Colóquio Internacional Televisão e Realidade, 2009. Disponível em [www.tvrealidade.ufba.br](http://www.tvrealidade.ufba.br). Acesso em 25/05/11.

PELLEGRINI, Domingos. De onde vem esses seres? In. **A personagem**. 2ª edição, Editora Ática, 1985.

TAVARES, Flávia - **Ela quebra tudo**. O Estado de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,ela-quebra-tudo,335232,0.htm>. Acesso em 25/05/2011.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.